

Educação Sexual e Protagonismo Juvenil nas Redes Sociais: relatos de uma experiência com estudantes do ensino médio

Patrícia D. A. do Amaral¹, Matheus M. de A. Rodrigues¹, Rômulo M. de Carvalho¹, Layne R. L. Tomaz¹, Charles A. G. Madeira¹

¹Instituto Metrópole Digital – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Natal – RN – Brasil

pdaliany@gmail.com, magalhaesbiorodrigues94@hotmail.com,
romulomachado.bio@gmail.com, laynetomaz.rn@gmail.com,
charles.madeira@ufrn.br

Abstract.

This paper reports on a pedagogical experience with high school students, whose focus was the promotion of Sex Education through youth protagonism on social media. The research arose from the need to address issues such as early pregnancy and STIs, which still affect young Brazilians. Using a qualitative approach, diagnostic questionnaires were administered to 95 public school students to identify gaps and interests on the topic. Based on their responses and interests, an Instagram page was developed with content produced by the students themselves. Collaborative production strengthened the students' critical sense and autonomy. The experience showed that the use of digital tools can expand the reach of sex education, making it more accessible and meaningful. Among the lessons learned, active methodologies stand out as possibilities capable of involving young people in sensitive topics. The project also highlighted the importance of continuity and curricular integration of these actions.

Resumo.

Este trabalho relata uma experiência pedagógica com estudantes do ensino médio, cujo foco foi a promoção da Educação Sexual por meio do protagonismo juvenil nas redes sociais. A pesquisa surgiu da necessidade de enfrentar problemas como gravidez precoce e ISTs, as quais ainda afetam os jovens brasileiros. Utilizando uma abordagem qualitativa, foram aplicados questionários diagnósticos a 95 alunos de escolas públicas para identificar lacunas e interesses sobre o tema. A partir de suas respostas e interesses, desenvolveu-se uma página no Instagram com conteúdos produzidos pelos próprios estudantes. A produção colaborativa fortaleceu o senso crítico e a autonomia dos alunos. A experiência mostrou que o uso de ferramentas digitais pode ampliar o alcance da Educação Sexual, tornando-a mais acessível e significativa. Dentre os aprendizados, destacam-se as metodologias ativas como possibilidades capazes de envolver os jovens em temas sensíveis. O projeto apontou ainda a importância de continuidade e integração curricular dessas ações.

1. Introdução

A adolescência é uma fase marcada por diversas transformações físicas, emocionais e sociais, sendo também um período de construção de identidade e experimentações. Contudo, esse momento de descobertas frequentemente é permeado por riscos que podem comprometer o desenvolvimento saudável e seguro dos jovens, destacando-se, entre eles, a gravidez precoce e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Mesmo no século XXI, tais problemas de saúde

pública continuam a afetar a juventude brasileira. Nesse sentido, Albuquerque (2025) comenta estudo conduzido por pesquisadores do Centro Internacional de Equidade e Saúde da Universidade Federal de Pelotas, que revelou que, no Brasil, aproximadamente uma em cada 23 adolescentes de 15 a 19 anos torna-se mãe a cada ano. A pesquisa também indicou que, no período de 2020 a 2022, mais de um milhão de jovens dessa faixa etária tiveram filhos, evidenciando a persistência da maternidade na adolescência no país.

Diante desse cenário, torna-se essencial promover abordagens educativas que contemplem formações continuadas para professores e espaços de diálogo sobre a Educação Sexual. Segundo Maia e Ribeiro (2011), essa educação deve estar presente desde cedo, pois atitudes, valores e comportamentos relacionados à sexualidade são elementos fundamentais que precisam ser desenvolvidos ao longo da vida. Nesse contexto, temas como racismo, desigualdade de gênero, gravidez na adolescência e a transmissão de ISTs constituem pautas centrais da Educação Sexual. Além disso, conforme aponta Women (2018), outras problemáticas como o acesso limitado a métodos contraceptivos modernos e a prática do aborto inseguro também devem ser considerados nesse debate, evidenciando a necessidade de um olhar mais amplo e comprometido com a saúde e os direitos dos adolescentes.

De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV e Aids (2024), jovens de 15 a 24 anos representam 23,2% dos casos de infecção por HIV no Brasil. Apesar da queda geral nos índices, entre homens de 15 a 29 anos os números seguem em alta, indicando maior vulnerabilidade nesse grupo (Agência Brasil; BRASIL, 2024). Além disso, 75% das adolescentes brasileiras que têm filhos estão fora da escola (G1, 2025), o que evidencia fragilidades no acesso à informação e aos direitos sexuais e reprodutivos. Esses dados apontam para a emergência do problema e reforçam a necessidade de refletir sobre as condições em que a juventude tem construído seus conhecimentos sobre sexualidade.

Nesse contexto, ganha relevância a busca por metodologias que valorizem o protagonismo juvenil como eixo central da prática educativa. Envolver os estudantes de forma ativa na produção de conteúdos educativos sobre sexualidade representa não apenas uma estratégia para tornar a informação mais atraente e relevante para esse público, mas também uma oportunidade de desenvolvimento de senso crítico e fortalecimento da cidadania. Quando os jovens são convidados a pesquisar, discutir, criar e compartilhar saberes com seus pares, ocorre uma aprendizagem mais significativa, capaz de gerar impacto real em suas atitudes e comportamentos, como afirmam Johnson e Johnson (1999).

O protagonismo juvenil, no contexto desta experiência, refere-se à participação ativa dos estudantes no processo educativo, assumindo o papel de sujeitos ativos que não apenas recebem informações, mas também produzem, refletem e compartilham saberes. Ao identificar temas relevantes, elaborar conteúdos e utilizar as redes sociais como ferramentas de comunicação e intervenção, os jovens podem se tornar agentes de transformação em sua própria realidade. Essa

postura favorece o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico, contribuindo para uma formação mais integral e significativa.

Com base nessas premissas, esta experiência pedagógica foi desenvolvida com turmas do ensino médio de uma escola pública, com o objetivo geral de desenvolver uma página no Instagram com conteúdos de Educação Sexual voltados para jovens estudantes, na perspectiva de promover informação acessível, confiável e atrativa sobre sexualidade e saúde sexual, com participação ativa dos alunos na produção desses materiais.

A partir do objetivo geral, definiu-se como objetivos específicos: investigar os temas de maior interesse e necessidade dos adolescentes em relação à Educação Sexual; identificar estratégias de linguagem e comunicação digital mais eficazes para esse público; estimular e apoiar os estudantes de turmas do ensino médio a produzir conteúdos educativos com base em fontes confiáveis para publicação; e promover reflexões e diálogos entre os jovens sobre temas como prevenção de ISTs, consentimento, diversidade sexual, identidade de gênero, entre outros.

Este relato de experiência está organizado da seguinte forma: na próxima seção, será apresentada a metodologia adotada, com a descrição das etapas do projeto e os instrumentos utilizados. Em seguida, são discutidos os principais resultados observados, assim como uma análise crítica sobre os desafios e aprendizados da experiência.

2. Métodos

O presente relato descreve uma pesquisa de abordagem qualitativa (Vishnevsky; Beanlands, 2004), de natureza exploratória e com caráter interventivo, voltada à promoção da Educação Sexual e ao fortalecimento do protagonismo juvenil nas redes sociais. Os sujeitos da investigação foram estudantes, com idade média de 17 anos, do ensino médio de três escolas públicas: o Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Campus Natal-Centro Histórico; a Escola Estadual Élia de Barros, situadas nos municípios de Natal e São Gonçalo do Amarante (RN), e a Escola Municipal General Murilo Borges Moreira, localizada em Fortaleza (CE).

A pesquisa foi desenvolvida em cinco etapas principais: (1) avaliação diagnóstica, (2) definição das temáticas a serem trabalhadas, (3) criação da página do Instagram, (4) elaboração colaborativa dos materiais e (5) alimentação da página com os conteúdos produzidos.

Na primeira etapa, foi aplicado um questionário diagnóstico anônimo, desenvolvido na plataforma *Google Forms*, com questões abertas e fechadas. O objetivo foi identificar os conhecimentos prévios dos estudantes, principais dúvidas relacionadas à sexualidade e as fontes de informação mais utilizadas, dentre outros aspectos. A aplicação foi realizada durante o horário das aulas, com a participação de 95 alunos, de forma voluntária e anônima.

Com base nos resultados do diagnóstico, passou-se à segunda etapa, na qual a proposta foi apresentada a todos os alunos, que foram convidados a participar das discussões sobre o tema e a atuar na produção dos materiais de divulgação. Muitos hesitaram em participar, alegando constrangimento em falar sobre o tema proposto. Junto aos alunos que se disponibilizaram, foram definidas as temáticas prioritárias a serem abordadas na campanha educativa. Essa escolha buscou garantir relevância e aderência às necessidades reais dos participantes, fortalecendo seu engajamento no processo.

A terceira etapa consistiu na criação de um perfil na rede social Instagram, que serviu como canal de comunicação, divulgação e intervenção pedagógica, sendo administrado pelos autores do estudo. A quarta etapa envolveu atividades colaborativas com os estudantes para a elaboração de vídeos curtos, cards informativos e outros materiais visuais, utilizando linguagem acessível e formatos adequados ao público jovem. A produção dos materiais contou com bom engajamento dos alunos participantes, muitos dos quais já estavam familiarizados com aplicativos de edição de vídeo, criação de imagens e estratégias eficazes para o uso do Instagram. Todo o processo foi mediado por orientações sobre a produção ética e responsável de conteúdo. Para os estudantes que participaram da página no Instagram, foi obtida autorização formal por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para uso de imagem.

Figura 1. Registro da página do Instagram desenvolvida



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Por fim, a quinta etapa ainda está em andamento, de modo que o perfil continua sendo alimentado com os materiais produzidos, os quais são submetidos a avaliações pelos docentes, a fim de evitar qualquer tipo de conteúdo impróprio, informações errôneas e realizar possíveis ajustes na linguagem. Essa abordagem permitiu não apenas a construção coletiva de saberes sobre sexualidade, mas também o fortalecimento do protagonismo juvenil e o uso crítico das redes sociais como ferramenta educativa. A análise dos resultados considera o engajamento dos estudantes ao longo das atividades, e espera-se, assim, fortalecer o protagonismo juvenil na construção e disseminação de conhecimentos relevantes à sua realidade social.

É importante destacar que o uso de celulares pelos estudantes, durante a realização do projeto, ocorreu exclusivamente para fins pedagógicos, estando alinhado às diretrizes da lei que restringe o uso desses dispositivos nas escolas, mas permite seu uso em atividades educativas supervisionadas. Além disso, parte das produções foi desenvolvida fora do ambiente escolar. Como alternativa ao uso de celulares em sala de aula, o desenvolvimento das ações também pode ocorrer no laboratório de informática da escola, favorecendo o uso de computadores e evitando a necessidade do uso dos dispositivos pessoais.

3. Resultados e discussão

A partir da aplicação da metodologia proposta, foi possível observar resultados que oferecem reflexões sobre a Educação Sexual no contexto escolar, especialmente quando articulada ao protagonismo juvenil e ao uso das redes sociais.

A pesquisa para identificação do perfil e diagnóstico inicial foi realizada com 95 estudantes, com idade predominante de 14 a 19 anos, com o objetivo de compreender a percepção, o acesso à informação e os interesses dos jovens em relação à Educação Sexual. Os dados coletados revelam que mais de 80% dos participantes afirmaram já ter tido algum tipo de aula ou conversa sobre Educação Sexual na escola. Os temas mais abordados nesses espaços foram infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), métodos contraceptivos e gravidez na adolescência. Sendo estes temas os quais os jovens afirmam ter maior familiaridade. Em contrapartida, assuntos como identidade de gênero, orientação sexual, consentimento e respeito ainda parecem ser pouco discutidos, evidenciando lacunas importantes no conteúdo oferecido.

Ademais, ao serem questionados sobre o nível de conhecimento que possuem sobre Educação Sexual, 56,8% dos estudantes consideraram ter um conhecimento significativo. No entanto, uma parcela expressiva ainda demonstrou insegurança e falta de informação. A baixa familiaridade com outros métodos contraceptivos e estratégias de prevenção mostra uma lacuna na formação desses jovens, que pode comprometer sua autonomia e cuidado com a própria saúde, mais um fator que justifica a realização desta pesquisa.

Outro aspecto importante revelado diz respeito ao conforto para falar sobre sexualidade. Cerca de 25% dos estudantes afirmaram não se sentir à vontade para conversar com ninguém sobre o tema. Por outro lado, mais de 63% disseram se sentir confortáveis para falar com amigos, o que indica a importância dos vínculos de confiança entre pares e reforça o potencial das redes sociais e das ferramentas digitais como espaços de diálogo e informação. Considerando esse comportamento, as campanhas de Educação Sexual voltadas para esse público podem beneficiar-se do uso estratégico das mídias digitais.

Sobre os interesses dos estudantes em relação ao conteúdo, destacaram-se temas como mitos e verdades; dicas e curiosidades; além de informações mais aprofundadas sobre as ISTs. Em relação às fontes de informação utilizadas pelos estudantes, a internet e as redes sociais se destacam como os principais meios de busca sobre sexualidade e saúde. O Instagram, especificamente, é usado por mais de 83% dos participantes. No entanto, 81,1% afirmaram nunca ter visto ou raramente ver conteúdos de Educação Sexual nas redes sociais que utilizam com frequência. Esse dado revela uma oportunidade concreta de intervenção: há um público jovem conectado, interessado e carente de conteúdos confiáveis, acessíveis e adequados à sua realidade.

Dessa forma, os resultados da pesquisa indicam que, embora muitos estudantes tenham tido algum acesso à Educação Sexual na escola, o conteúdo oferecido ainda é limitado e restrito a alguns temas. A ausência de discussões mais amplas e a dificuldade de diálogo em certos ambientes reforçam a importância de ações educativas mais abrangentes, acolhedoras e interativas. Expandir o acesso à informação de qualidade, tanto no ambiente escolar quanto nas plataformas digitais, é fundamental para garantir o direito dos jovens ao conhecimento, à autonomia e ao respeito à diversidade em suas múltiplas dimensões.

Diante dos resultados iniciais, foi possível planejar e desenvolver junto aos estudantes conteúdos informativos e reflexivos a serem divulgados no Instagram, considerando os temas de maior interesse e as estratégias de comunicação mais eficazes para esse público. O processo de produção colaborativa, mediado através da figura docente, favoreceu o envolvimento dos estudantes, estimulando não apenas o aprendizado, mas também a autonomia, a criatividade e a responsabilidade na construção e socialização do conhecimento.

A escolha pela rede social Instagram deu-se por sua popularidade entre adolescentes e jovens, informação confirmada durante a pesquisa com os estudantes, configurando-se como um espaço cotidiano e familiar para esse público, ideal para ações educativas com linguagem interativa e multimodal. Para a página do Instagram foi criada uma identidade visual buscando personalizar esse espaço virtual para um público jovem. Para tal, foi utilizada uma tipografia sem serifa por ser considerada mais amigável (Carvalho *et al.*, 2024). Ademais, utilizou-se a cor rosa para, através dessa característica, dar a ilusão de que a letra “u” tratava-se de uma língua.

Definiu-se que as postagens do perfil seriam produzidas pelos próprios estudantes, utilizando *templates* previamente disponibilizados, após mediações pedagógicas em sala de aula conduzidas pelo professor de biologia. Para a primeira publicação, foi solicitado aos alunos a elaboração de um vídeo com conceitos introdutórios sobre Educação Sexual, de forma a evidenciar seus conhecimentos prévios. Além do vídeo, os estudantes também ficaram responsáveis pela criação da legenda, e o material foi disponibilizado no perfil do projeto na plataforma.

De acordo com Johnson e Johnson (1999), o aprendizado torna-se mais significativo quando ocorre em contextos cooperativos, nos quais os alunos trabalham juntos para alcançar objetivos comuns, onde a aprendizagem cooperativa promove o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, ao permitir que os estudantes se envolvam em trocas de ideias, argumentos e resoluções de problemas em grupo. Esse tipo de interação entre pares favorece a construção do conhecimento de forma mais profunda e duradoura, além de estimular habilidades como empatia, comunicação e pensamento crítico.

Quando motivados a realizar um trabalho colaborativo, com uma ferramentas que utilizam diariamente, como é o caso do Instagram, os alunos demonstraram interesse e motivação na produção dos conteúdos. No entanto, no momento da produção do vídeo, a qual se deu em formato de entrevista, alguns alunos preferiram não se expressar por não se sentirem confortáveis para falar sobre o assunto, reforçando que falar sobre Educação Sexual ainda é um tabu. O professor atuou como motivador e orientador, avaliando os conteúdos produzidos e a viabilidade de tornar os conteúdos públicos.

O trabalho aqui apresentado foi conduzido por professores de biologia, que têm em seus conteúdos curriculares as temáticas aqui tratadas. Contudo, considerando que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica a Educação Sexual como um tema transversal a ser debatido e trabalhado em ambientes escolares, entende-se que as ações podem ser trabalhadas por um grupo maior de profissionais no ambiente escolar, não estando restrita a uma disciplina.

Diante dos resultados obtidos, percebe-se que a Educação Sexual, quando associada ao protagonismo juvenil e ao uso estratégico das redes sociais, apresenta um potencial para promover aprendizagens significativas, fortalecer a autonomia dos estudantes e ampliar os espaços de diálogo sobre temas por vezes silenciados no ambiente escolar. A experiência desenvolvida demonstra que, ao integrar as vivências dos jovens, suas linguagens e interesses, é possível construir práticas educativas eficazes, acolhedoras e transformadoras.

4. Considerações finais

A experiência relatada neste trabalho teve como objetivo central promover uma abordagem educativa sobre sexualidade que valorizasse o protagonismo juvenil, por meio da criação colaborativa, pelos próprios estudantes do ensino médio de escolas públicas, de conteúdos para uma página no Instagram. A proposta surgiu da constatação de que, embora exista algum nível

de acesso à Educação Sexual no ambiente escolar, persistem lacunas tanto nos temas abordados quanto nas metodologias utilizadas, sobretudo no que diz respeito à escuta ativa dos jovens e à adoção de linguagens e ferramentas com as quais eles se identificam.

O desenvolvimento do projeto revelou não apenas o interesse e a capacidade dos estudantes em se engajar na produção de conteúdos educativos, mas também o potencial das redes sociais como espaços de diálogo, aprendizagem e disseminação de informações confiáveis. Por meio de uma linguagem acessível e da mediação pedagógica, foi possível construir um ambiente de troca e reflexão, no qual os jovens puderam expressar dúvidas, ampliar seus conhecimentos e participar ativamente da construção do saber. Portanto, as ferramentas digitais podem e devem ser utilizadas como aliadas na educação, tornando o acesso a conteúdos relevantes mais acessível a públicos diversos, o que está alinhado às novas diretrizes adotadas pelo Instagram. De acordo com Causin (2025), a plataforma implementou o “modo adolescente” e restringiu diversas configurações para menores de 18 anos, incluindo a exibição de conteúdos considerados sensíveis para esse público, como temas relacionados à violência e à promoção de cirurgias estéticas. A partir de agora, esses perfis serão privados automaticamente, terão as trocas de mensagens limitadas, e os usuários menores de 16 anos somente poderão alterar as configurações mediante aprovação dos pais ou responsáveis.

Apesar dos resultados positivos, o projeto enfrentou desafios, tais como o tempo limitado para o aprofundamento dos temas, dificuldades técnicas e variações no engajamento dos estudantes. Esses aspectos reforçam a necessidade de que iniciativas como essa sejam desenvolvidas continuamente, com integração curricular e articulação entre diferentes áreas do conhecimento.

Ademais, atualmente o alcance deste perfil é consideravelmente baixo, com um volume máximo de visualizações até o momento de apenas 231, das quais 81,8% pertencem aos seguidores da página, em sua maioria alunos das referidas escolas. Além disso, observa-se que o conteúdo que mais atingiu o público foi o *reels* publicado, possivelmente devido à identificação gerada, uma vez que os discentes obtiveram destaque nesta publicação, seguido pelo post e, por último, o *storie*.

A experiência contribui, assim, para o debate sobre práticas pedagógicas inovadoras no campo da Educação Sexual, demonstrando que investir no protagonismo juvenil pode ampliar o alcance e a efetividade das ações educativas. Como projeção futura, os autores pretendem manter a página do Instagram ([@semtabubr](#)) ativa, com postagens quinzenais sobre temas diversos relacionados à Educação Sexual. O conteúdo continuará sendo desenvolvido de forma colaborativa entre escolas parceiras, tendo os estudantes como protagonistas em todas as etapas de criação. E, dessa forma, acredita-se que o alcance da página será ampliado, de modo que se fará possível atingir mais jovens.

Dessa forma, o projeto tem potencial para se consolidar como uma ação de ensino ou mesmo de extensão, podendo ser ampliado para além de turmas específicas e tornar-se uma iniciativa

contínua e abrangente no ambiente escolar, e tem maior potencial se desenvolvido de forma interdisciplinar. Essa ampliação permitiria o fortalecimento de uma cultura de diálogo, respeito e conhecimento sobre sexualidade, alcançando diferentes segmentos da comunidade escolar e contribuindo de forma significativa para a formação cidadã e para a promoção da saúde integral dos estudantes.

Referências

AGÊNCIA IBGE. **PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio.** Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em 18 abr 2025.

ALBUQUERQUE, F. Uma em cada 23 adolescentes torna-se mãe por ano no país. **Agência Brasil**, 2025. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2025-07/uma-em-cada-23-adolescentes-torna-se-mae-por-ano-no-pais-diz-pesquisa>. Acesso em 06 ago 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico - HIV e Aids (2024) — Departamento de HIV, Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. 2024. Disponível em:

https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2024/boletim_hiv_aids_2024e.pdf/view. Acesso em 18 abr 2025.

CAMPOS, A. Casos de sífilis e de HIV/aids aumentam entre homens jovens. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-11/casos-de-sifilis-e-de-hiv-aids-aumentam-entre-homens-jovens>. Acesso em 18 abr 2025.

CARVALHO, M. L.; Fagundes, M. C.; COZZO, V. H. Design de um material visual de inglês. **Repositório Institucional do Conhecimento - RIC-CPS**, São Paulo, p. 1-12, 2024. Disponível em:

https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/28419/1/designgrafico_2024_2_marialuizapereira_ramosbastosdecarvalho_designdeummaterialvisualdeingles.pdf. Acesso em 9 abr 2025.

CAUSIN, J. Instagram aplica ‘modo adolescente’ e limita perfis de menores de 18 anos. **O Globo**, 2025. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2025/02/11/instagram-aplica-modo-adolescente-no-brasil-e-limita-perfis-de-menores-de-18-anos-entenda-o-que-muda.ghtml>. Acesso em 06 ago 2025.

G1, A. C. M. e G. G., & Paulo, em S. (2015, March 31). No Brasil, 75% das adolescentes que têm filhos estão fora da escola. **Educação**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/no-brasil-75-das-adolescentes-que-tem-filhos-estao-fora-da-escola.html>. Acesso em 03 maio 2025.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. Aprendizagem cooperativa: métodos para a sala de aula. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa – Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/cuBJ0. Acesso em: 17 maio 2025.

MAIA, A. C. B; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa - Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v.15, n.1, p.75-84, 2011. Disponível em: encurtador.com.br/cuBJ0. Acesso em 17 maio 2025.

VISHNEVSKY, T.; BEANLANDS, H. Qualitative Research. **Nephrology Nursing Journal**, vol. 31, No. 2, p.234, abr. 2004. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/3198b68031c2bb4fd1191f5f3123c235/1?cbl=45638&pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 17 maio 2025.

WOMEN, U. N. et al. International technical guidance on sexuality education: an evidence-informed approach. **UNESCO Publishing**, 2018. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260770>. Acesso em: 04 maio 2025.